

5 A PAZ AGOSTINIANA E A TEOLOGIA MORAL ATUAL

5.1 A paz na Teologia Moral de Marciano Vidal

A leitura, que fizemos, no capítulo anterior, de alguns documentos do Magistério à luz da paz agostiniana, mostrou que os princípios ético-morais de Agostinho continuam válidos e atuais. A idéia de ordem, o reconhecimento do senhorio de Deus sobre a criação, a dimensão interior da paz são aspectos que a *Pacem in Terris*, a *Gaudium et Spes* e a *Sollicitudo Rei Socialis* propõem para a edificação da paz, ainda que ela, nestes documentos, assuma uma forte conotação social.

Ao longo deste capítulo, tentaremos apresentar os pontos convergentes e, supostamente, divergentes no que toca ao conceito de paz e às prerrogativas da ética e da moral na visão de Marciano Vidal e de Santo Agostinho. Como uma ética subjetivista pode obstaculizar a implantação da paz. Como a ética do amor é importante na edificação de uma sociedade justa e tranquila. A justiça, na teologia moral atual, visa: a pessoa humana na sua integridade; a paz interior como fonte e sustentáculo da paz social; a paz e o compromisso com as grandes causas sociais; a paz e os desafios e lutas da cidade terrestre em vista do transcendental; mostrando as duas visões diferentes da paz e sua importância para a paz entre os indivíduos e as nações.

5.1.1 A ética cristã no contexto atual

Marciano Vidal, destacado moralista da atualidade, enfatiza que o centro da ética cristã é o seguimento de Cristo⁶⁴⁰. A ética vivida como resposta ao projeto de Cristo corrobora para a implantação da justiça⁶⁴¹. Esta, por sua vez, promove e

640. Cf. VIDAL, Marciano. Para Conhecer a Ética cristã. Aparecida-SP, Editora Santuário, 1993,p.13.

641. VIDAL, Marciano. In: Nova Moral Fundamental, Aparecida-São Paulo, Editora Santuário e Edições Paulinas, 2003, p.34: “O Novo Testamento radicaliza ainda mais a dimensão religioso-

solidifica a paz. Marciano Vidal acredita que a paz só se torna realidade, quando se opta pela sociedade civil como sujeito principal da ética, isso significa que, na ética da paz, existe um “sujeito envolvido e interessado global” que é a sociedade civil⁶⁴². Com efeito, na concepção de Vidal, a paz não é uma tarefa exclusiva dos governantes e agentes militares, ela requer o empenho e a participação de todos os cidadãos. Dentro desta perspectiva, Vidal defende a promoção de uma cultura da paz a partir dos próprios hábitos e costumes do povo, pois a paz não deve estar condicionada somente às leis e a uma ordem imposta pela autoridade. A paz deve fazer parte da vida cotidiana dos cidadãos. Assim, numa sociedade pluralista, ela se manifesta pela abertura e o respeito ao outro, pela capacidade de diálogo entre os diversos seguimentos da sociedade e pela busca do bem comum acima de qualquer interesse particular. Para que isso aconteça é preciso que a opinião pública favoreça o cultivo e a apreciação daqueles valores que propiciam a paz como: a verdade, a liberdade, a justiça, a solidariedade e o amor. A prática destes valores requer o desarmamento, sobretudo do coração. Na verdade, a ética cristã com seus princípios de abnegação e dedicação ao próximo pode reforçar a cultura da paz estimulando o exercício da solidariedade e a vivência do amor fraterno que supera as rixas e os conflitos sociais que ocasionam violência e insegurança na sociedade.

A ética cristã atual baseia-se numa adesão ao espírito do Evangelho que, constantemente, convida os homens a abrirem-se ao Amor de Deus. A partir dessa experiência do reconhecer-se amado, a ética, tendo como meta a imitação de Cristo, cuja a vida foi uma doação, uma entrega aos irmãos, se traduz em solidariedade e comunhão. Esta concepção da ética surgiu como resposta à tendência de reduzi-la a um conjunto de normas e proibições legalistas desprovidas de amor e empenho social. Por isso, se insiste em que, antes de apresentar qualquer regra ou restrição de cunho moral ou ético, é preciso que a mensagem de Cristo seja anunciada de modo fascinante, capaz de suscitar um encontro pessoal com o Verbo Encarnado.

teocêntrica da justiça. A “justiça de Deus”, que nos justificou em Cristo, é a razão e o fundamento do comportamento interpessoal”.

642. VIDAL, Marciano. Para Conhecer a Ética Cristã. op. cit. p.512: “O projeto moral a favor da paz tem de ter como sujeito prioritário a sociedade civil (em face do predomínio dos militares e das elites profissionalizadas) e tem de traduzir-se em criações culturais (em face da hipertrofia ineficaz de normas éticas e de princípios de consciência)”.

O discurso ético de Marciano Vidal visa o homem em suas múltiplas dimensões, inclusive a interior⁶⁴³. Uma ética, que não atinge o coração do ser humano, não tem sentido. O coração humano é a primeira instância, onde se realiza a experiência com Deus, abrindo sua existência Aquele que o amou primeiro o ser humano descobre o sentido de sua vida dando-lhe um caráter oblato⁶⁴⁴. Sob este aspecto, a ética de Vidal se aproxima da ética agostiniana, centralizada no amor⁶⁴⁵. No entanto, Vidal focaliza mais a dimensão social como espaço privilegiado da vivência ética⁶⁴⁶. Para ele, é, na participação da vida social, que os valores éticos se reforçam e manifestam sua força transformadora, contribuindo para o desaparecimento de estruturas injustas e desumanas. Santo Agostinho valoriza, antes de tudo, o encontro com Deus a nível pessoal. Para ele, uma transformação só é autêntica, quando começa no interior do ser humano. Marciano Vidal partindo da premissa de que o homem foi criado “A imagem e Semelhança de Deus”, isto significa que o homem possui critérios e valores inerentes a sua dignidade que o torna capaz de transformar as estruturas injustas e opressoras da sociedade.

O Hiponense assegura que após a queda do primeiro casal, somente em Deus, a humanidade pode amar ordenadamente a si mesmo e ao próximo. Por isso, ele apregoa uma contínua conversão ao amor de Deus, único que pode orientar e sustentar os seres humanos no caminho do bem⁶⁴⁷. O ser humano para Agostinho por si mesmo é incapaz de reencontrar o sentido de sua vida e a meta do amor, por isso precisa da luz do alto.

Quando Vidal afirma que a sociedade é o lugar privilegiado, onde se exercita a ética, seu pensamento remonta à Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que afirma: “Deus criou o homem não para viver isoladamente, mas para formar sociedade”⁶⁴⁸. O Doutor da Graça também, em nenhum momento, deixa de reconhecer o valor e a importância da vida social. Ele tem consciência de que todo

643. Ibidem p.91.

644. VIDAL, Marciano. In: Nova Moral Fundamental, Aparecida-São Paulo, Editora Santuário e Edições Paulinas, 2003, p.54 “A compreensão da pessoa como doação e comunhão: o ser do homem é um dom: procede do amor criador de Deus. O ser do homem como pessoa é ser um dom de si mesmo: afirma-se e se realiza doando-se, com esquecimento de si mesmo”

645. Cf. Conf. X, 4; VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes III, Madrid, PS editorial,1980, p.59

646. Cf. VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes III.p.641.

647.Cf. ECHEVARRIA, José gnacio Alcorta. Alcorta. El ordo amoris y la aversio a Deo en la dialéctica de lãs dos ciudades.In: CIUDAD DE DIOS, V. CLXVII, T. II, 1956, p.142.

648. GS n. 32.

cristão tem a grave responsabilidade de colaborar para que a comunidade humana goze de paz e segurança. Por isso, no *De Civitate Dei*, incita os membros da cidade celeste a participarem ativamente das vicissitudes sociais⁶⁴⁹.

“Mas a cidade celeste, ou melhor, a parte que peregrina neste vale e vive da fé usa dessa paz por necessidade, até passar à mortalidade, que precisa de tal paz. Por isso, enquanto está como viajante cativa na cidade terrena, onde recebeu a promessa de sua redenção e como penhor dela o dom espiritual, não duvida em obedecer às leis regulamentadoras das coisas necessárias e do sustento da vida mortal... Enquanto peregrina, a cidade celeste vai chamando cidadãos por todas as nações e formando, todas as línguas”...⁶⁵⁰.

Nosso moralista partilha do pensamento agostiniano, de que não existem duas éticas, uma individual e outra coletiva⁶⁵¹. O homem se revela e cresce como pessoa, quando se abre para o tu. O primeiro grande tu da existência humana é Deus. Desse modo, percebe-se que a visão ética de Vidal e do Hiponense contrasta com a ética do eu, onde o sujeito tem, como norma única do seu agir ético, os seus interesses. Por isso, quando o Exímio Africano disserta sobre a função do Estado e o que pode tornar os homens felizes, ele assegura que há somente uma ética sobre a qual se fundamentam os princípios ético-morais que devem orientar a vida dos cidadãos e de seus respectivos governantes⁶⁵². Ela está enraizada no amor Dei que, por sua vez, ensina os homens a amarem de modo reto e ordenado; o que, no pensamento de Santo Agostinho, consiste em utilizar todas as coisas em vista do fim último que é Deus. Por isso, são muito eloquentes as palavras do Teólogo da África:

“Deus, portanto, é bom de um modo que é só seu,... porquanto o bem pelo qual Ele é bom é Ele mesmo. O homem, ao invés, é bom enquanto a sua bondade deriva de Deus... É por virtude do Espírito de Deus que os bons se tornam tais, pois a nossa natureza foi criada capaz de ser participante d’Ele mediante a própria vontade. É-se, portanto, bom na medida em que se age bem, isto é, se faz o bem com conhecimento de causa, com amor e com piedade; é-se, ao invés, mau na medida em que se peca, isto é, se afasta da verdade, da caridade e da piedade... Por isso,

649.Cf. DUCHROW, Ulrich. Reino de Dios, Iglesia y sociedad, en San Agustín. In: AUGUSTINUS, V. XII, Ene/Dic, n. 45-48, 1967, p.157.

650. De Civ. Dei XIX, 17.

651.Cf. De Civ. Dei I,15; VIDAL, Marciano. Dez palavras-chaves em moral do futuro, São Paulo, Paulinas, 2003, pp.12-13.

652. Cf. Epist 104.

mesmo o próprio Senhor aos mesmos que chama bons por causa da participação da graça divina, chama igualmente maus devido aos vícios da fraqueza humana...”⁶⁵³.

A partir destas considerações do Santo Pastor, se pode afirmar que o seu discurso ético contempla a índole social do homem e sua responsabilidade na comunidade. Por isso que a ética agostiniana, quando se ocupa daquilo que deve ser amado, ou seja, como viver de maneira reta e honesta, tem presente o ordenamento social. Quando o Teólogo da Caridade afirma que as coisas mutáveis não deveriam ser sobrepostas ao Imutável e Eterno, ele deseja assegurar que, se Deus não é amado acima de tudo, o homem dificilmente estará habilitado para praticar o amor e a justiça no seio da sociedade.

Outro aspecto, que deve ser frisado na perspectiva da ética social de Marciano Vidal, que se aproxima da ética do Santo Teólogo, é a justiça, que, por sinal, tem uma importância decisiva no desdobramento do pensamento ético de Vidal⁶⁵⁴. Nosso moralista, quando disserta sobre a justiça, não exclui a perspectiva religiosa, porém destaca que a ordem social é um espaço privilegiado para o exercício da justiça. A presença e a atuação do discípulo de Cristo envolvem a renovação e a transformação das estruturas sociais. Na concepção de Vidal, não se pode praticar justiça sem o amor ao próximo. Para ele, o vínculo entre a caridade e a justiça é inseparável, porque o amor implica numa exigência absoluta de justiça. Seguindo esta linha de pensamento, a plenitude da justiça é o amor, pois, sendo cada homem imagem e semelhança de Deus invisível e irmão de Cristo, o cristão encontra, em cada homem, Deus, ao qual deve amar e respeitar. Partindo deste princípio, a moral contemporânea valoriza muito a justiça nas relações interpessoais, a salvaguarda da dignidade da pessoa humana e o respeito pelos seus direitos.

653. “Deus ergo singulariter bonus est, et hoc amittere non potest; nullius enim boni participatione bonus est, quoniam bonum quo bonus est, ipse sibi est: homo autem cum bonus est, ab illo bonus est; quod a seipso esse non potest... Illius enim spiritu boni fiunt, quicumque boni fiunt; cuius capax creata est nostra natura per propriam voluntatem... Proinde in quantum homo recte agit, id est, scienter et amanter et pie bonum operatur, in tantum bonus est; in quantum autem peccat, id est, a veritate et caritate et pietate deviat, in tantum malus est. Idcirco ipse Dominus, quos dicit bonos propter participationem gratiae divinae, eosdem etiam malos dicit propter vitia infirmitatis humanae; donec totum quo constamus, ab omni vitiositate sanatum, transeat in eam vitam, ubi nihil omnino peccabitur”. Epist 153, 5. 12.13.

654. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes III*. pp.22-27.

“Esta é a razão pela qual a Igreja tem o direito, mais ainda, o dever de proclamar a justiça no campo social, nacional e internacional, assim como de denunciar as situações de injustiças, quando assim o peçam os direitos fundamentais do homem e sua própria salvação”⁶⁵⁵.

A justiça, em Santo Agostinho, repercute na vida social, no entanto, sua aplicação depende da dimensão sobrenatural. Segundo ele, o povo da nova Aliança, inaugurada pelo Mistério da Encarnação, Morte e Ressurreição de Cristo, vive sob o Senhorio e a adoração do Único Deus Vivo e Verdadeiro. Desse modo, a justiça não se limita, simplesmente, em cumprir normas de conduta individual ou social, reguladas e estabelecidas pela autoridade⁶⁵⁶. A justiça consiste, antes de tudo, em viver conforme a ordem: “Deus imperando sobre o homem e a alma sobre o corpo”⁶⁵⁷.

Embora a prática da justiça, em Agostinho e Vidal, não se limite apenas ao aspecto jurídico da vivência da lei e dos decretos, que regem a vida social, podemos afirmar que ambos enfatizam aspectos diferentes⁶⁵⁸. Enquanto o Pastor da África assegura que o fundamento da verdadeira justiça é o reconhecimento e o culto a Deus, ou seja, a vivência da dimensão religiosa, Vidal destaca a vocação social do homem como fonte e motivação principal para o engajamento nas estruturas sociais.

Vidal propõe que não basta assegurar que cada um receba o que lhe pertence. É preciso ir além do estabelecido pela lei. O amor alarga o horizonte da justiça, transformando as relações formais e frias numa comunidade solidária e fraterna⁶⁵⁹. Desse modo, busca-se o bem desinteressado do outro, e com o outro repelindo as tendências egocêntricas, que geram a violência e as guerras. Santo Agostinho já havia chegado à conclusão de que a concórdia social não é apenas um resultado da justiça, mas é a vivência profunda do amor, pois, só vive de modo

655. Ibidem p.92.

656.Cf. RAIKAS, Rauko. Problemática de la justicia em Agustín. In: AUGUSTINUS, V. XLVIII, n. 188-191, Ener/Dic, 2003, p. 210

657. De Civ. Dei XIX, 27: “Aqui, a justiça consiste em que Deus mande no homem obediente, a alma no corpo e a razão nos vícios, embora se rebelem, quer vencendo-os, quer oferecendo-lhes resistência”.

657. Agostinho aborda a questão da justiça numa perspectiva acentuadamente teológica, enquanto Vidal focaliza mais o aspecto social.

659. De Nat. et Grat LXX,84: “Caritas ergo inchoata, inchoata justitia est; caritas propecta, propecta justitia est; caritas magna, magna justitia est; caritas perfecta, perfecta justitia est; sed caritas de corde puro, et conscientia bona et fide non ficta”.

justo, quem, em Deus, ama a si mesmo e ao seu semelhante⁶⁶⁰, o que contribui para a implantação da paz. Essa verdade é confirmada pela Doutrina Social da Igreja, quando se afirma que a paz é fruto do amor:

“A paz é fruto também do amor: a verdadeira paz é mais matéria de caridade que de justiça, pois a função da justiça é somente remover os obstáculos para a paz, como por exemplo, a injúria e o dano causados; mas a paz mesma é ato próprio e específico da caridade”⁶⁶¹.

5.1.2 A Moral e seus desafios

A reflexão de Marciano Vidal acerca da moral representa um passo significativo da passagem de uma moral, exclusivamente, subjetivista, centrada no sujeito, para uma moral intersubjetiva e comunitária⁶⁶². Não basta estar bem com o outro, é preciso atuar em conjunto. A conduta dos membros da sociedade não deve ser reduzida apenas ao âmbito do sujeito-sujeito. A complexa situação da sociedade atual exige que os desafios sejam enfrentados socialmente. Para Vidal, a autêntica moral provoca uma responsabilidade com o todo. Para atingir as causas e encontrar as soluções dos problemas sociais como a fome, injustiças e violências, é preciso ter como referência a comunidade.

“O concílio fala de um “humanismo de responsabilidade”. Define-se o homem pela sua responsabilidade”. Ser homem é precisamente ser responsável. Reconhecer a desonra diante de uma miséria que não precisa depender dele. Orgulhar-se de uma vitória obtida pelos companheiros. Sentir ao colocar uma pedra sua, que se está contribuindo para construir o mundo”⁶⁶³.

A base moral de Marciano Vidal é a comunidade. O homem foi criado para amar. Somente percorrendo a via do amor, ele se realiza como pessoa e como membro da sociedade. Por isso, Vidal alarga os horizontes da sua reflexão moral

660. Cf. RAMOS, M. Tomás. Ética e direito em Agostinho: Um ensaio sobre a lei temporal. In: SINTESE NOVA FASE, V. 25, n.80, Jan/Mar, 1998, p.115.

661. CDSI n. 494.

662. Antes do Concílio Vaticano II a teologia moral era demasiado casuística e objetivista, isto se repercutia num comportamento moral demasiadamente intimista e personalista sem nenhuma incidência sobre a realidade. A teologia moral atual insiste que o cristão não só tem que viver coerentemente na sociedade, mas também tem que projetar a opção evangélica sobre as realidades.

663. VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes III. p.394.

aos diversos campos da atividade humana. Segundo ele, não basta que cada cidadão cumpra seus deveres sociais, vivendo de modo correto e justo, é preciso trabalhar em união com os outros, para a implantação da justiça e da ordem que sustentam a paz. Por isso, Marciano insiste que cada membro da sociedade não deve assumir os valores morais só de modo privado, é preciso vivê-los e atuá-los na comunidade. É, seguindo esta linha de raciocínio, que Vidal afirma que nenhuma análise moral pode ser formulada sem os dados oferecidos pela realidade. Ele acredita que, para se esboçar a caminhada moral de um povo ou sociedade, é imprescindível partir das suas vivência e experiências, bem como dos desafios ligados à sua práxis moral⁶⁶⁴. O Doutor Africano usou este critério, quando escreveu a *Cidade de Deus*⁶⁶⁵. Nela, o Santo Pastor descreve com clareza e profundidade os costumes do Império Romano, apontando as suas virtudes e falhas com uma lucidez impressionante⁶⁶⁶. O método empregado pelo Sábio Pastor para emitir um juízo moral acerca da sociedade de seu tempo, está, portanto, em sintonia com os critérios apontados por Vidal, ainda que a *Cidade de Deus* não seja apenas uma análise social. Outro dado que aproxima Vidal de Agostinho se concentra sobre o fato do Doutor da Graça ter articulado o individual e o social no *De Civitate Dei* sem minimizar nenhuma dessas dimensões⁶⁶⁷. O Santo Bispo, quando insiste, de modo explícito sobre a necessidade do ser humano ordenar o amor a partir de sua fonte, que é Deus, ele remete ao mesmo tempo para o amor ao próximo.

“Segundo ele, Elias converterá ao Filho o coração de Deus Pai, não fazendo, é claro, que o Pai ame o Filho, mas ensinando aos judeus que, assim como o Pai ama o Filho, assim também amem eles o Cristo, nosso Cristo, a quem antes haviam odiado. Com efeito, Deus, segundo os judeus, em nosso tempo, tem apartado de nosso Cristo o coração. E, para eles, Deus converterá o coração ao Filho, quando, transformado o coração deles, virem o amor do Pai ao Filho. E ao próximo o

664. Ibidem p.13.

665. De Civ. Dei XI,25: “Em todo artífice humano, quando poe mãos a qualquer obra, três coisas devem ser levadas em conta: a natureza, a arte, o uso. A natureza reconhece-se pelo engenho; a arte pela instrução; o uso pelo fruto. Não ignoro que, propriamente falando, o fruto é privativo de quem goza, o uso, de quem usa e que, segundo parece, entre ambos existe a seguinte diferença: dizemos gozar, quando o objeto nos deleita por si mesmo, sem necessidade de referi-lo a outra coisa, e usar, quando buscamos um objeto por outro... De acordo com tal acepção, empreguei a palavra uso nas três coisas que adverti devem ser levadas em conta no homem, a saber, a natureza, a doutrina e o uso”.

666. Ibid., V, 17.1.2.3.

667. Ibid., XIX, 1,3.

coração do homem, quer dizer, Elias converterá também o coração do homem ao próximo... ”⁶⁶⁸.

A moral apregoada pelo Teólogo do Amor pode ser chamada moral do ser, ou moral voluntarista⁶⁶⁹. O homem vive moralmente bem, quando conforma sua vontade à lei eterna, porque, ao contrário dos animais, possui razão e inteligência, que lhe asseguram a capacidade de discernimento para escolher e trilhar o caminho do bem⁶⁷⁰. Todavia, o Doutor da África assegura que somente a graça de Cristo torna o homem capaz de percorrer este itinerário.

“Por natureza só há um Filho de Deus, que se fez por nós filho do homem, a fim de que, filhos do homem por natureza, por sua mediação nos tornássemos filhos de Deus por graça..., Ele vestiu nossa natureza para salvar-nos e, sem despir a divindade, fez-se partícipe de nossa debilidade, para, mudados para melhor, perdermos o que temos de pecadores e de mortais, participando da imortalidade e da justiça, conservamos o que, na plenitude de sua bondade, nos fez de bom na natureza”⁶⁷¹.

Hoje, a moral cristã se defronta com diversos desafios, entre os quais sobressai o relativismo moral e o subjetivismo, que exaltam o sujeito como única norma suprema da moral. Este enfoque, que valoriza a pessoa isoladamente, colocando a realização individual acima do bem comum, na realidade, promove a alienação do sujeito da vida social⁶⁷². Passa-se a buscar somente aquilo que proporciona a própria satisfação, sem nenhuma preocupação com o bem coletivo. Este estilo de vida contrasta com a moral agostiniana e a teologia moral contemporânea, cujo fundamento é o amor que se abre para a comunhão e a solidariedade, alicerces indispensáveis da paz. Todavia, Agostinho destaca a subjetividade, enquanto Vidal enfatiza que a justa autonomia da pessoa só é autêntica, quando não despreza a alteridade⁶⁷³.

668. Ibid., XX,19.

669. Cf. De Civ. Dei II, 20

670. Cf. RAMOS, M. Tomás. Ética e direito em Agostinho: Um ensaio sobre a lei temporal. p. 460.

671. De Civ. Dei XXI, 15.

672. DA n.47: “Também se verifica uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos. Essa busca é pragmática e imediatista, sem preocupação com critérios éticos. A afirmação dos direitos individuais e subjetivos, sem um esforço semelhante para garantir os direitos sociais culturais e solidários, resulta em prejuízo da dignidade de todos”.

673. Cf. De Civ. Dei XIX, 1.3; RUBIO, Miguel; GARCIA, Vicente; MIER, Gómez. La ética cristiana hoy: Horizontes de sentido. p.534;

5.1.3 A paz na perspectiva da justiça

Para Vidal, só tem sentido falar de paz na perspectiva de uma ética que estimula a prática da justiça. Por isso, a ética da paz aprofundada por Vidal possui três postulados, que emergem de uma sociedade pluralista⁶⁷⁴. Em primeiro plano, a necessidade de uma conversão à verdade da paz, ou seja, a paz não se identifica com o monopólio do poder, tal qual a chamada “*pax romana*”, que aparentava um estado de segurança e tranqüilidade sustentados por um poder autoritário e desumano⁶⁷⁵. A paz também não significa supremacia de uma potência militar sobre outra à custa da justiça. É preciso que os acordos e pactos, entre as nações, correspondam às expectativas, muitas vezes, frustradas de uma maioria reduzida a condições mínimas de sobrevivência. A paz plena e autêntica, segundo Vidal, está alicerçada sobre a bondade.

Vidal destaca o cultivo dos valores da liberdade social e da justiça socioeconômica, como fundamentos imprescindíveis da paz, que estão em consonância com os direitos humanos. Estes se expressam através de uma economia, onde a pessoa seja o princípio e o fim de todos os projetos. Sobre este aspecto Marciano Vidal se apóia no documento do episcopado latino-americano aprovado em Medellín, que afirma a necessidade da justiça que consiste no respeito à dignidade da pessoa⁶⁷⁶. Desse modo, não se pode ver os homens como objetos da história, mas agentes. A paz, porém, não se limita a uma justiça rigorista, ela se alimenta da caridade. O amor fraterno deve ser a mola que impulsiona os homens a trabalhar pelo bem da paz, pois ela é uma conquista contínua da humanidade. Existe sempre a exigência de uma renovada ordem social, que substitua as injustiças e as opressões por estruturas que promovam o bem estar e a segurança de todos. A esse respeito o Magistério Eclesial vem questionando a hodierna “ordem social”, que, em meio aos avanços da técnica e

674. Cf. VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes III. p.620.

675. A *pax romana* se fundamentava sobre um sistema político-administrativo, onde predomina um temor servil contrário a dignidade da pessoa humana.

676. MED n.1: “A paz é, antes de mais nada, obra da justiça. Ela supõe e exige a instauração de uma ordem justa na qual todos os homens possam realizar-se como homens, onde sua dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida”.

da ciência, apresenta-se incapaz de promover uma justa convivência entre as pessoas e os Estados:

“A este respeito, quero com humilde ousadia fazer notar que a doutrina plurissecular da Igreja que vê a paz como “*tranquilitas ordinis*”, tranqüilidade da ordem, segundo a definição de Santo Agostinho (De Civ. Dei XIX, 13) aprofundada na *Pacem in Terris*, se revelou particularmente significativa no mundo contemporâneo, tanto para os chefes das Nações como para os simples cidadãos. A existência duma grande desordem na atual situação do mundo é constatação facilmente partilhada por todos; conseqüentemente a questão que se impõe é esta: Que tipo de ordem pode substituir esta desordem, para que os homens e as mulheres tenham possibilidade de viver com liberdade, justiça e segurança?”⁶⁷⁷.

O progresso contribui para a paz, na medida em que se abre para a solução dos problemas sociais como: moradia, desemprego, saúde e educação. O avanço técnico-científico deve favorecer a humanização da sociedade, proporcionando alívio e esperança, sobretudo, para as camadas sofridas da população. A paz implica num esforço assíduo de adaptação às novas mudanças e circunstâncias do mundo sempre em transformação. Esta capacidade inventiva não se restringe apenas à reestruturação dos diversos setores da sociedade, ela requer uma conversão interior. Por isso, aquele que trabalha, em prol da paz, deve buscar, antes de tudo, a paz consigo e a paz com Deus⁶⁷⁸, sem as quais não se pode falar de paz social, nem, muito menos, de paz internacional.

Outro postulado da paz é o empenho cívico-cultural, que tem presente a riqueza e o valor imprescindível das chamadas éticas da paz⁶⁷⁹. Cada uma delas, a seu modo, pode e deve corroborar com a realização da paz. Desse modo, é preciso criar e valorizar, naqueles que fazem parte das fileiras das forças armadas, a mentalidade de que as suas funções não devem estar voltadas para a promoção da guerra, mas para a consecução e a conservação da paz. As táticas e os aparatos militares não devem ser vistos como expressões de força e violência, mas como

677. JOAO PAULO II. Mensagem para o dia Mundial da paz 2003.n.6

678. Ibid. n. 14: “O cristão que trabalha pela justiça social deve cultivar sempre a paz e o amor em seu coração. A paz com Deus é o fundamento ultimo da paz interior e da paz social”. Ibid. n. 14.

679. DA n. 123: “... A resposta ultima às questões fundamentais do homem só pode vir de uma razão e ética integrais, iluminadas pela revelação de Deus. Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia voltam-se contra o homem que as criou”.

estratégias e instrumentais da ordem⁶⁸⁰. Isso significa que o apreço pela paz se manifesta pelo exercício responsável das armas⁶⁸¹.

A função dos políticos de promover a paz, através dos programas de governo, que favoreçam o bem comum e a justa distribuição da renda, constitui outro aspecto que deve ser ressaltado. Por isso, acertadamente, afirma-se que os governantes traem os interesses da população e, por conseguinte, tornam uma ameaça para a paz, quando movidos apenas pelo desejo de poder e vanglória, resolvem deliberar a favor das guerras, comprometendo a integridade física e moral de seus súditos. Essa, por certo, é uma grave injustiça, que põe por terra todas as iniciativas em prol da paz.

5.2

A paz agostiniana e a Teologia Moral contemporânea

5.2.1

Na vida pessoal

Conforme nossa análise precedente, a paz agostiniana valoriza, acentuadamente, a dimensão pessoal como ponto preponderante na construção da paz e o seu caráter escatológico. Desse modo, quando Santo Agostinho aborda o problema da paz, sobretudo no livro XIX da *Cidade de Deus*, ele deixa entender que nenhum ideal de paz se concretiza na sociedade, se, antes, não encontra ressonância no coração humano. Ele defende essa posição, através dos diversos graus e formas da paz, que se desenrolam a partir do interior do ser humano. A ordem da alma é mantida pela submissão das paixões⁶⁸², pressuposto imprescindível da paz. Quem não se pacifica a partir de seu íntimo, dificilmente conseguirá transmitir e, muito menos, trabalhar em prol dela com eficácia. A paz agostiniana possui uma forte conotação Transcendental. Ela remete sempre para a pátria celeste, onde será plena e definitiva. Todavia, isto não significa que os membros da Cidade celeste, que peregrinam neste mundo, devam desinteressar-se pela paz terrena, pois também eles participam dos benefícios desta:

680. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes III*. Madrid, PS Editorial, 1980, pp.606-608.

681. BRUCCULERI, A., op. cit., p.383.

682. Cf. ECHEVARRIA, José I. Alcorta, op. cit., pp.148-149.

“Quanto nós, mortais, entre a efemeridade das coisa, possuímos a paz que pode existir no mundo, se vivemos retamente, a virtude usa com retidão de seus bens; mas, quanto não a possuímos, a virtude faz bom uso até mesmo dos males de nossa condição humana. A verdadeira virtude consiste, portanto, em fazer bom uso dos bens e males e em referir tudo ao fim ultimo, que nos porá na posse de perfeita e incomparável paz”⁶⁸³.

A teologia moral atual vê, na pessoa humana, um rico potencial de amor e generosidade que precisa ser, cada vez mais, valorizado e estimulado, a fim de que sejam postos a serviço da paz. Parece até paradoxal que, numa época, em que se exalta o sujeito e as suas opções pessoais, ao mesmo tempo, se coloque, por vezes, o lucro como critério máximo de decisão. A mentalidade vigente, sobretudo nas grandes cidades, confirma esta realidade, quando muitas pessoas se sentem apenas como um número no conglomerado das imensas metrópoles. Mesmo assim, permanece vivo um sentimento de pertença ao mundo, uma espécie de responsabilidade universal pela sorte e o destino da humanidade. O ser humano não é somente um indivíduo capaz apenas de viver isolado, ele tem consciência de que, quanto mais se abre para o outro, mais se torna uma pessoa, agente de participação e transformação⁶⁸⁴.

Há uma cultura global que vai, cada vez mais, forjando os hábitos e os costumes dos povos. No entanto, ao lado desse processo veloz de mutação social, que envolve a moral e a ética, ainda persistem diversos sinais que revelam a influência de uma ética e uma moral subjetivas. Ambas se caracterizam por uma recusa em colaborar na realização de qualquer projeto social, que não represente um resultado imediato para si ou os seus. Outra atitude ligada a esse quadro é o enfoque exagerado que se dá aos chamados “direitos do sujeito”, sem nenhuma alusão aos deveres⁶⁸⁵. Desse modo, o sujeito se exclui da vida social, espera desta somente vantagens e privilégios. Passa a viver como se não tivesse compromisso com o mundo. Sua realização pode ser encontrada apenas na esfera da vida privada. Essa mentalidade contrasta com a proposta da paz agostiniana, bem como

683. De Civ. Dei XIX, 10.

684. Cf. CAMPELO, Maria Moisés., op. cit., pp. 302-303.

685. DA n. 46: “Essa cultura se caracteriza pela auto-referencia do individuo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável...”

da teologia moral contemporânea, pois a construção da paz pressupõe o empenho pessoal e comunitário⁶⁸⁶.

Quando o Exímio Pastor assegura, que sem a paz interior não se pode construir outra paz, ele não pretende reduzir a paz exclusivamente ao âmbito do indivíduo. Nosso Autor tem consciência de que a paz é um bem tão elevado e amplo que, de modo nenhum, se reduz à dimensão pessoal. Por isso, Alvarez Saturnino Turienzo afirma que a paz agostiniana é tão abrangente e ordenada que se assemelha ao oceano para o qual convergem todos os rios e as fontes, onde tudo se recolhe e se funde⁶⁸⁷. A sociabilidade do homem se caracteriza pelo desejo de viver em paz com os seus semelhantes. A paz começa no mais íntimo do ser, porém se solidifica no contato com o próximo⁶⁸⁸.

A teologia moral contemporânea apregoa que, qualquer bem relacionado com a realização e a felicidade do homem, inclusive o grande bem da paz, só pode ser perseguido e alcançado com uma atitude inclusiva, que reúne em si todos os aspectos da vida humana⁶⁸⁹. A paz, na sociedade hodierna, comporta, essencialmente, uma visão abrangente e totalizante da existência⁶⁹⁰. Sem esta, corre-se o risco de se caminhar em direção a uma paz parcial, incapaz de responder aos anseios da sociedade e dos homens que vivem e trabalham na expectativa de uma paz verdadeira e sólida. Assim, seguindo esta linha de raciocínio, pode-se dizer que a paz agostiniana corresponde à expectativa da teologia moral atual, pois a proposta da paz desenvolvida pelo Doutor do Amor encerra várias dimensões⁶⁹¹. Segundo Alvarez Saturnino Turienzo, todos os níveis da paz agostiniana têm, como ponto comum e Universal, Deus que reúne em Si todas as perspectivas de paz. Por isso, Alvarez acredita que a idéia de paz, em

686. CDSI n. 495: “A paz se constrói dia a dia na busca da ordem querida por Deus e pode florescer somente quando todos reconhecem as próprias responsabilidades na sua promoção. Para prevenir conflitos e violências, é absolutamente necessário que a paz comece a ser vivida como valor profundo no íntimo de cada pessoa: assim pode estender-se nas famílias e nas diversas formas de agregação social, até envolver toda a comunidade política...”

687. Cf. TURIENZO, Saturnino Alvarez. *Hacia la Determinacion de la Idea Agustiniana de paz*. In: ESTUDIOS POLITICOS, n. 112, 1960, p. 86

688. *Ibid.*, p. 87.

689. Cf. RUBIO, Miguel; GARCIA, Vicente; MIER, Gómez. *La ética cristiana hoy: Horizonte de Sentido*. Madrid, PS Editorial, 2003, p. 728.

690. JOAO PAULO II, Mensagem para o dia Mundial da paz 1984, conclusão: “A paz é algo multiforme. Há a paz entre as nações, a paz na sociedade, a paz entre os cidadãos, a paz entre comunidades religiosas, a paz no interior das empresas, dos bairros, das aldeias, em particular, a paz no seio das famílias”.

691. Cf. De Civ. Dei XIX, 13; 12; 14-17.

Agostinho, pode ser sintetizada: paz do corpo, paz da alma, paz do homem, paz doméstica, paz política, paz jurídica, paz religiosa e paz universal⁶⁹².

5.2.2 Na sociedade

O Doutor da Trindade reconhece que, embora a paz comece no interior do ser humano, a sociedade é o espaço por excelência, onde ela se manifesta. Na opinião de Alberto Lee Lopez, para o Gênio de Hipona, a sociedade é o conjunto formado por homens que anseiam viver em paz⁶⁹³. Por isso, ele aborda o problema da paz na perspectiva da comunhão com Deus e o próximo. O amor cristão é oblato e nobre. Ele busca a satisfação do outro, esquecendo até dos seus próprios interesses, quando não os sacrifica também em benefício do próximo. A paz agostiniana é construída sobre este amor, que consegue fazer o espírito suplantado o ódio e às guerras, que ameaçam as bases da convivência humana.

Quando o Hiponense se refere à pátria celeste, ele utiliza a expressão “sociedade dos santos”⁶⁹⁴. A principal característica dessa comunidade é o amor e a comunhão fraterna que os mantém unidos e vinculados ao amor Eterno. Assim, o social e o pessoal fazem parte da doutrina agostiniana acerca da paz. A paz dos indivíduos existe em função da paz social e vice-versa.

A teologia moral contemporânea em plena consonância com a Doutrina Social da Igreja⁶⁹⁵ e alguns autores como, Romano Guardini, desenvolveram o chamado princípio da socialização⁶⁹⁶. Segundo esta linha de pensamento, somente, na dinâmica do “eu e tu”, o homem encontra a sua plena maturidade. Desse modo, a sociedade progride, na medida, em que os seus membros se

692. Cf. TURIENZO, Saturnino Alvarez, op. cit., p. 87.

693. Cf. LOPEZ, Alberto Lee, op. cit., p. 7.

694. De Civ. Dei XIV, 28.

695. CDSI n.391: “O homem é uma pessoa, não só um indivíduo. O termo pessoa indica uma natureza dotada de inteligência e vontade livre: é portanto uma realidade bem superior à de um sujeito que se exprime nas necessidades produzidas pela mera dimensão material. Com efeito, a pessoa humana, mesmo participando ativamente na obra que tem por objetivo a satisfação das necessidades no seio da sociedade familiar, civil e política, não encontra a sua realização completa enquanto não supera a lógica da necessidade para projetar-se na lógica da CDSI 391.

696. Cf. GUARDINI, Romano. *Mondo e persona*. Brescia, Editrice Morcelliana, 2007, p.163-165.

inserir nos diversos setores e oferecem as suas capacidades para o aperfeiçoamento do tecido social.

A paz é obra dos homens e, sobretudo, de Deus. Todo dom de Deus possui um caráter comunitário e universal. Por isso, é justo afirmar que, se os benefícios da paz devem se estender a toda a sociedade, as estratégias de paz só têm sentido, quando incluem todas as dimensões da vida social⁶⁹⁷. Por isso, quanto mais o homem assume sua cidadania, comprometendo-se para encontrar soluções para os problemas que afligem os seus irmãos, mais ele se liberta do egoísmo que, por vezes, se esconde sob a forma do chamado “individualismo sadio”. Este propõe uma necessidade exagerada de exaltação do sujeito e de suas qualidades como única via de realização⁶⁹⁸. Esta mentalidade não contempla o outro e nem a sociedade como possibilidades de encontrar a felicidade. A justa medida entre o individual e o social é descartada, restando espaço apenas para o sujeito e suas satisfações egocêntricas. Para vencer esse obstáculo, que se interpõe à paz, a teologia moral acredita que, somente redescobrimo a vocação à vida social e a prática do amor fraterno, pode o homem tornar-se mais comprometido e atuante na promoção e na salvaguarda da paz. Na verdade, a paz só será alcançada, quando a dignidade do ser humano tornar-se o centro e o fim de todas as iniciativas sociais e políticas. A paz nasce e se desenvolve, onde a vida é respeitada e amada. Só de uma “cultura da vida” podem emanar princípios e estratégias autênticas capazes de consolidar a paz⁶⁹⁹.

5.2.3

Na comunidade Internacional

Quando se aborda a paz da comunidade Internacional, analisada à luz da paz agostiniana, parte-se antes de tudo, da ideia, segundo a qual toda a humanidade anseia pela paz. Assim, a paz é apresentada como um imperativo, que acompanha a história de todos os povos. No interior de cada ser humano habita Deus, Verdade

697. Cf. TORRE, Angel Sanchez. Las Virtudes cívicas en el pensamiento de San Agustín de Hipona. In: AUGUSTINIANA, V. XXXIV, 1993, p.879.

698. Cf. DA 47.

699. Cf. Conferencia Episcopal de EE. UU. El desafio de la paz. In: NUEVO MUNDO, n.31, 1986, p.32 passim.

Imutável e Eterna⁷⁰⁰, que suscita, nos homens, ideais de colaboração e ajuda mútua, que reclamam a interação de todos. Desse modo, se os seres humanos são iluminados pela Luz Divina é possível que eles, um dia, possam viver em paz e fraternidade⁷⁰¹.

A ordem moral natural e a origem comum do gênero humano⁷⁰², constituem também, para Santo Agostinho, um outro fator que corrobora para a justa convivência e a união da humanidade. O ser humano possui racionalidade e, através dela, pode chegar à conclusão de que a paz é um valor de dimensão universal. Assim, o universalismo da paz agostiniana engloba todo Cosmo, inclusive os seres inanimados. De fato, eles só subsistem, enquanto tal, por causa da reta execução do seu ciclo vital que mantém a paz⁷⁰³.

A humanidade está destinada, desde o início de sua criação, a formar uma só comunidade⁷⁰⁴, onde reine a justiça e a paz. Este ideal, defendido pelo Doutor Africano, não é apenas teórico ou escatológico, ele é divino, porque cada ser humano tem sua origem em Deus e, ao mesmo tempo é humano, porque o Criador entregou aos homens a nobre missão de construir um mundo justo e pacífico⁷⁰⁵. O Pastor da Graça, com esses princípios de ordem humana e religiosa, sobre os quais alicerça um projeto de paz com conotação mundial, questiona os homens do nosso tempo, que, muitas vezes, perseguem apenas uma paz superficial e estável, porque restrita apenas aos aspectos econômicos e materiais da existência. Essa paz possui três características que a distingue da paz cristã. Em primeiro lugar, é provisória e instável, marcada pela insegurança. Em segundo, impõe-se quase sempre através da força e do jogo de poder. Em terceiro, por trás de suas supostas iniciativas encontra-se um espírito de ambição que conduz à guerra⁷⁰⁶.

A teologia moral contemporânea retoma o tema da unidade do gênero humano, propondo alguns princípios, que se articulam entre si e formam uma

700. De Ver. Rel XXXIX,72: "Recognosce igitur quae sit summa convenientia. Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas; et si tuam naturam mutabilem inveneris, transcede et teipsum. Sed memento cum te transcendis, ratiocionantem animam te transcendere. Illuc ergo tende, unde ipsum lumen rationis accenditur".

701. Cf. COCCIA, Antonio, op. cit. p.731.

702. Cf. De Bono Con. I,1; De Civ. Dei XIX, 15.

703. Cf. De Civ. Dei XIX, 12.3.

704. "... Tal homem representa a unidade da soberana Cidade, não completa ainda, è verdade, mas que um dia receberá seu complemento com o precedente dessa prefiguração profética". De Civ. Dei XV,21.

705. Ibid., XII, 10.1.2

706. Cf. COLUMBA-CARY, Elwes. Peace in the city of God. In: CIUDAD DE DIOS, V. CLXVII, Tomo 1, 1955, pp.430-431.

cadeia de valores, que consolidam o empenho em prol de uma convivência universal pacífica, pautada na justiça⁷⁰⁷. Dentre eles, destacam-se a caridade universal, os direitos dos povos, o bem comum internacional e a esperança escatológica. O primeiro princípio diz respeito ao amor que Cristo veio trazer à terra, que é dinâmico e operante. Por isso, faz parte de sua própria natureza expandir-se na tentativa de abarcar, em si, todos os homens. Assim, o amor cristão não se restringe a um determinado povo ou nação. Ele se inflama na medida em que se propaga. Porém, ele constrói sua cadeia de radiação, através de atitudes concretas de doação e partilha, que se manifestam na vida cotidiana. Só se ama a todos, quando se vive com os olhos abertos para a realidade. Contudo, para se chegar a um amor de dimensões universais, é preciso aprender a amar a si mesmo e aos seus.

Na sociedade hodierna, cresce a consciência de que todos os homens possuem igual dignidade. Essa verdade está acima de qualquer discriminação racial. Ela assegura que todos têm direito à existência, ao desenvolvimento e a melhores condições de vida, bem como a crescer como pessoa e cidadão, participando ativamente da sociedade.

Em nenhuma época, insistiu-se tanto, como hoje, em esclarecer que a autêntica preocupação pelo bem comum nacional deve estar sempre voltada para o bem comum universal, ou seja, não se constrói uma convivência fraterna e solidária, sem que essa não venha a favorecer a realização do bem e a paz de toda a família humana⁷⁰⁸. Por bem comum se entende aquelas condições que propiciam a satisfação das necessidades materiais e espirituais, que fazem parte da natureza humana e correspondem a sua dignidade.

Como o ser humano não é só matéria, mas dotado de transcendência espiritual, ele tem aspirações de infinito, que não se esgotam nos estreitos limites do mundo terreno. De acordo com essa verdade, sua sede de paz e justiça só será saciada, em plenitude, na eternidade, quando Deus será o único Bem definitivo,

707. Cf. GUTIÉRREZ, Gabriel del Estal. *Construcción agustiniana de la paz*. p.249.

708. “A Solidariedade Internacional é uma exigência de ordem moral. Ela não se impõe unicamente nos casos de extrema urgência, mas também como ajuda ao verdadeiro desenvolvimento. Trata-se de uma obra comum, que requer um esforço convergente e constante para se encontrarem as soluções técnicas concretas, mas também para criar uma nova mentalidade nos homens deste tempo. A paz mundial, em grande parte, depende disso”. Instrução sobre a liberdade e a libertação crista. N.99.

que preenche todas as expectativas⁷⁰⁹. Nessa cosmovisão cristã, fundamenta-se a unidade e a fraternidade da família humana. Nelas, encontram-se harmoniosamente articulados, amor a si mesmo e aos outros; responsabilidade individual e social; finito e infinito. A paz das nações e a paz internacional são resultado do intercâmbio e da unidade de todos os aspectos que dizem respeito à vida humana e a compõe. Cada um, na sua ordem, colabora, entre si, para a realização da paz mundial. Portanto, o anseio e a proposta pela paz internacional, que a teologia moral contemporânea sustenta, encontra um certo respaldo na doutrina da paz agostiniana. De fato, a paz mundial constitui, para Santo Agostinho, a última e a completa instância da escala ascendente da paz, que a Cidade terrena pode alcançar⁷¹⁰. Ela representa o grau máximo da paz e da ordem, que é ultrapassado apenas pela paz da Jerusalém Celeste, onde Deus é a própria paz dos eleitos e a felicidade sem fim daqueles que promoveram e conservaram a paz da cidade peregrina⁷¹¹. Para aqueles, que ainda fazem parte desse exílio, arautos da paz terrena e herdeiros da celeste, brilha a esperança da paz futura, quando, enfim, gozarão e se deleitarão com esplendor, sem ocaso, de paz, que jorra, continuamente, do Trono Divino.

“O rio de paz prometido aos santos é, sem dúvida, a abundância dessa paz que transcende qualquer outra. Essa a paz que nos banhará no fim e de que no livro precedente já falamos de sobejo. Diz que esse rio desce sobre aqueles a quem se promete tamanha felicidade para dar-nos a entender que, na bem-aventurada região que é o céu, esse rio sacia todos os anjos. E, como a paz da incorrupção e da imortalidade dali flui e chega até aos corpos terrenos, por isso diz que esse rio desce, quer dizer, transbordando dos seres superiores, cai sobre os mais humildes e torna os homens iguais aos anjos”⁷¹².

709. JOÃO PAULO II, Mensagem para o dia mundial da paz 1979. Parte 3: “Sabemos bem que a nossa marcha para a paz na terra, sem deixar de ter a sua consciência natural e as suas dificuldades, é englobada no interior de uma outra marcha, a marcha da salvação, que terminará numa comunhão total com Deus. Assim o Reino de Deus, Reino de paz com a sua própria fonte, os seus meios o seu fim, penetra já toda a atividade terrestre, sem nela se iludir...”

710. ALESANCO, Tirso. La unidad y la comunidad en San Agustín. In: Acti das Jornadas Agustinianas, Marcilla, Universidad de Navarra, 1984, p.12.

711. De Civ. Dei XX,21.1:“Por essa Jerusalém de que fala não devemos entender a escrava com seus filhos, mas, ao contrário, a Jerusalém livre, nossa eterna mãe nos céus, onde seremos consolados, após os trabalhos e as dores da vida mortal, e, como criancinhas, carregados aos ombros e nos joelhos. Aquela beatitude, nova para nós, acolher-nos-à com inefáveis carícias, a nós, rudes e noviços. Ali veremos e nosso coração se alegrará”.

712. Ibidem

Ao final deste capítulo, percebemos que, embora as fontes e as motivações, que inspiram as visões sociais de Agostinho e da Teologia Moral, por exemplo, em Marciano Vidal, partam de princípios diferentes, elas se completam. Cremos que, para se alcançar a vitória da ética sobre o subjetivismo e o relativismo, que dificultam a paz, é necessário que as duas visões sejam unidas. Em outras palavras, a teologia moral precisa ajudar o homem de hoje a redescobrir que sua realização está no reconhecimento e na aceitação de Deus como Verdade Absoluta, fonte de unidade interior e fator imprescindível de integração social. Sem referência a uma base comum, ou seja, a um princípio fundamental, o exercício da solidariedade e da fraternidade entre os cidadãos e os povos estará sujeito a interesses mesquinhos contrários à concórdia e a paz.

O Sábio Teólogo recorda sempre que o engajamento, pela implantação da paz e da justiça, tão exaltado pela Teologia Moral, de modo particular por Marciano Vidal, para não se transformar numa ideologia cega e alienante, precisa ser maturada e desenvolvida a partir da vivência da dimensão interior pelo cultivo do silêncio e da meditação. Por outro lado, a concepção de Vidal é válida, porque preserva os membros da sociedade de cederem às tentações do egocentrismo e do indiferentismo, perigos que são sempre atuais e empecilhos para a causa da paz. As duas tendências do ser humano de reduzir a moral e a ética, apenas à esfera privada ou social, tornam ainda mais difícil a instauração da paz, pois a concórdia social requer a sintonia entre a ética privada e a comunitária. Todo esforço, que a Teologia Moral fizer para apontar pistas e orientações para o avanço do caminho da paz, só terá êxito, se levar em consideração o homem e a realidade no seu todo. Uma das características principais, de quem se dedica à causa da paz, é um olhar abrangente e uma ação conjunta, pois, só assim, se tornará capaz de formular e apresentar estratégias para a paz profunda e duradoura, capaz de despertar a confiança e suscitar a esperança dos cidadãos tão desiludidos por propostas de reconciliação e paz de cunho unilateral. É sempre necessário recordar que a abordagem de uma questão complexa como a paz exige disponibilidade de todos, dedicação integral e solicita atenção aos anseios e carências do próximo.

“Na ordem dos fins, a ética da paz se apresenta como crítica e como proposta de civilização. A ameaça atual contra a paz é de índole total: atinge a toda a humanidade e compromete o significado total do humano. A paz é uma exigência totalizante. Por isso não tem cabimento soluções de caráter meramente estratégico”⁷¹³.

713. VIDAL, Marciano. *Ética Teológica: Conceitos Fundamentais*, Petrópolis, Editora Vozes, 1999, p.736.